

## **O CREATIVITY MOVEMENT E O DESTINO MANIFESTO DA RAÇA BRANCA: O REVISIONISMO HISTÓRICO A SERVIÇO DO SUPREMACISMO BRANCO NOS ESTADOS UNIDOS**

Diego Leonardo Santana Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira a organização neonazista norte-americana *Creativity Movement* comprehende eventos da história dos Estados Unidos. Para isso, selecionamos como fontes duas edições do jornal *Racial Loyalty*, criado para divulgar as atividades do grupo e aspectos da crença da *Church of the Creator*. Nelas, mediante uma perspectiva revisionista, são abordados dois acontecimentos importantes da história dos Estados Unidos no século XIX: a Guerra de Secessão e a Conquista do Oeste. Ao se debruçar sobre esses eventos, o grupo em questão defende a ideia de que, assim como seus antepassados conquistaram a América, caberia aos supremacistas brancos atuais conquistar o mundo cumprindo o real Destino Manifesto da Raça Branca. Tal atividade consiste em um exemplo de como a extrema-direita neonazista faz uso de abordagens revisionistas para justificar sua visão de mundo em defesa da superioridade racial e do neonazismo.

**Palavras-chave:** Estados Unidos; Revisionismo Histórico; Supremacismo Branco.

## **THE CREATIVITY MOVEMENT AND THE MANIFEST DESTINY OF THE WHITE RACE: HISTORICAL REVISIONISM IN THE SERVICE OF WHITE SUPREMACISM IN THE UNITED STATES**

**Keywords:** This article aims to analyze how the American neo-Nazi organization Creativity Movement understands the history events of the United States. For this, we selected as sources two editions of the *Racial Loyalty* newspaper, created to publicize the group's activities and aspects of the *Church of the Creator*'s belief. In them, through a revisionist perspective, two important events in the history of the United States in the 19th century are approached: the Civil War and the Conquest of the West. By focusing on these events, the group in question defends the idea that, just as their ancestors conquered America, it would be up to the current white supremacists to conquer the world, fulfilling the real Manifest Destiny of the White Race. Such activity is an example of how the neo-Nazi extreme right uses revisionist approaches to justify its worldview in defense of racial superiority and neo-Nazism.

**Abstract:** United States; Historical Revisionism; White Supremacism.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: diego@getempo.org.

## Introdução

O uso do discurso histórico como elemento de legitimidade para fins políticos é uma atividade corriqueira. Ao longo dos tempos, algumas ideologias e práticas políticas trouxeram para si o papel de porta-voz de oprimidos, defensores de uma ordem natural, guerreiros a serviço de uma causa sacra ou justa, entre outras características. De um modo ou de outro, a história acaba sendo invocada para trazer luz ou como algo a ser realizado.

Em meio a uma diversidade de organizações que variam desde iniciativas como os jihadistas, os comunistas, os fascistas e tantos outros, a concepção do que seria a história e sua finalidade acaba variando. Nesse cenário, interessa-nos os grupos e as organizações da atual extrema-direita neonazista, em especial a organização estadunidense *Creativity Movement* (CM) e o tipo de história contada por esse grupo e seus escritos. Ao passar pelas páginas de um jornal organizado por esse grupo, chamado *Racial Loyalty*, encontramos a seguinte afirmação:

Assim como os pioneiros americanos, nós, a Raça Branca, devemos realizar nosso Destino Manifesto de ganhar o mundo e povoar todas as suas boas terras. RAHOWA! Este Planeta é Todo Nossa! (Ben Klassen)<sup>2</sup>

Afinal, o que seria esse Destino Manifesto<sup>3</sup> da Raça Branca para o CM? Para compreendermos isso, devemos levar em consideração que o CM ressignificou uma expressão famosa na cultura norte-americana e que essa ressignificação está baseada em textos que visam recontar a história dos Estados Unidos para os integrantes desse grupo, propondo uma abordagem revisionista. Sabemos que o Revisionismo é uma atividade comum na historiografia. Para Enzo Traverso, esse termo assume forma camaleônica ao longo do sé-

---

<sup>2</sup> Do original: "Like the American pioneers, we, the White Race, must now make it our Manifest Destiny to win the world, and populate all the good lands thereof. RAHOWA! This Planet is All Ours!" (KLASSEN, Ben. *The Manifest Destiny of the White Race. Racial Loyalty*. Estados Unidos, setembro de 1990, p. 3). Tradução nossa.

<sup>3</sup> O Destino Manifesto ou *Manifest Destiny* é uma expressão criada pelo editor estadunidense John O'Sullivan (1813-1895) durante o século XIX. Segundo o historiador norte-americano Shane Mountjoy, o termo é proveniente das tendências de Nacionalismo e Expansionismo que já existiam nos Estados Unidos nesse período e ganhou notoriedade durante o processo de anexação do Texas (MOUNTJOY, 2009). Ao decorrer dos anos, a expressão ganhou notoriedade por expressar uma tendência de ações estadunidenses.

culo XX, com seu significado se modificando.<sup>4</sup> Ainda segundo Traverso, a história do Revisionismo no século XX poderia ser localizada em momentos que iriam desde a controvérsia marxista até os debates historiográficos após a Segunda Guerra Mundial.<sup>5</sup>

Entre as correntes que se apropriaram do Revisionismo, temos os negacionistas da *shoah* ou holocausto. As discussões quanto à natureza do extermínio dos judeus pelo regime nazista rendeu acalorados debates na historiografia do século XX, principalmente durante o movimento da virada ou giro linguístico e suas perspectivas para a historiografia contemporânea.

Após a derrota e a exposição dos crimes como os campos de concentração, o fascismo passou por um período de descrédito no cenário político mais amplo por alguns anos.<sup>6</sup> Definições quanto à periodicidade dos fascismos em meio à emergência de movimentos desse tipo nas últimas décadas levaram os historiadores a pensarem a temática. Neste texto, adotaremos a divisão proposta por Karl Schurster e Francisco Carlos Teixeira da Silva, que categorizam o fascismo em Fascismos Históricos, que vão dos anos de 1920 até o final da Segunda Guerra Mundial, e Fascismos Contemporâneos, que são aqueles que emergem a partir dos anos 1980.<sup>7</sup>

Sabemos que o conhecimento histórico é algo em constante atualização. Ao longo dos anos, interpretações de fatos são ressignificadas à medida que novos paradigmas aparecem. Com isso, surgem diferentes conceitos e olhares para os acontecimentos, tornando a leitura historiográfica cada vez mais plural, não se limitando a percepções únicas sobre os temas. Com isso, a percepção historiográfica se amplia contemplando o fazer historiográfico com várias perspectivas.

Cada olhar sob o passado traz consigo um processo de escrita da história que visa atribuir significado e transmitir esse conhecimento. Afinal, a história de um determinado grupo também representa uma memória coletiva

<sup>4</sup> TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Tradução de Tiago Avó. - 2<sup>a</sup> ed. Unipop, 2012. p. 149.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>6</sup> Kershaw, Ian. *De Volta do Inferno: Europa 1914-1949*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.409.

<sup>7</sup> Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. *Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente*. Cepe editora. Edição do Kindle, 2022.

que, junto a uma memória pessoal, acaba trazendo sentido e identidade.<sup>8</sup> Para observarmos esse processo, devemos levar em consideração por quem e em que lugar essa história é escrita, além, é claro, de como tal discurso é organizado. Além disso, a história também é ensinada. Conforme explica Antoine Prost, esse processo ocorre em dois momentos: primeiro, é preciso conhecer os fatos e, em seguida, apresentá-los em uma exposição coerente.<sup>9</sup>

Para isso, os historiadores seguem uma série de regras e critérios teóricos e metodológicos de acordo com seus interesses. Nesse caso, o sentido do revisionismo passa por interpretações distintas, sendo utilizado por historiadores tanto para afirmar um caráter renovador em suas abordagens quanto para afirmar tendências étnico-políticas.<sup>10</sup> No decorrer do tempo, novas fontes são descobertas e novas problemáticas surgem e fazem do conhecimento histórico algo em constante transformação.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira o CM comprehende aspectos da história dos Estados Unidos. Para isso, selecionamos como fonte duas edições do jornal *Racial Loyalty*, criado para divulgar as atividades do grupo e aspectos da crença da Church of the Creator (COTC). A primeira é a edição de número 47, publicada em fevereiro de 1989, e a segundo é a edição de número 63, publicada em setembro de 1990. Nelas, mediante uma perspectiva revisionista, são abordados dois acontecimentos importantes da história dos Estados Unidos no século XIX: a Guerra de Secessão e a Conquista do Oeste. Ao se debruçar sobre esses eventos, o grupo em questão defende a ideia de que, assim como seus antepassados conquistaram a América, caberia aos supremacistas brancos atuais conquistar o mundo, cumprindo o real Destino Manifesto da Raça Branca. Tal atitude consiste em um exemplo de como a extrema-direita neonazista faz uso de abordagens revisionistas para justificar sua visão de mundo em defesa da superioridade racial e do neonazismo.

---

<sup>8</sup> FONTANA, Josep. *A História dos Homens*. Tradução de Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 11.

<sup>9</sup> PROST, Antoine. *Doze Lições Sobre a História*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p.53.

<sup>10</sup> MELO, Demiam Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. *Marx e o Marxismo* v.1, n.1, jul/dez 2013. p. 49-74, p.50.

## O projeto de reconstrução historiográfica do *Creativity Movement*

Devido a seu caráter legitimador, o passado acaba servindo como guia para ações no presente, seja como inspiração ou algo a ser superado.<sup>11</sup> Se a história apresenta uma versão não satisfatória dos fatos para uma organização desse tipo, isso causa incômodo e, em alguns casos, dá origem a projetos de reconstrução historiográfica, como é o caso do *Creativity Movement* e sua interpretação alternativa da história dos Estados Unidos.

Para darmos continuidade ao tema, faz-se necessário apresentar essa organização. O *Creativity Movement* é um grupo neonazista estadunidense oriundo da *Church of the Creator*, atual *World Church of the Creator* (WCOTC), que promove uma ideologia de religião racial com o *Creativity Movement*, sendo o movimento criado para sua difusão. Essa organização foi fundada por um ex-legislador da Flórida chamado Bernhardt Klassen (1918 – 1993) em 1973. Ben Klassen, como era conhecido, liderou esse grupo até sua morte, em 1993. Após isso, Matt Hale assumiu o controle.

É de Klassen a autoria das principais obras desse movimento. Aqui destacamos o livro *Nature's Eternal Religion*, publicado em 1973. Nele são estabelecidos os princípios básicos dessa organização, e ele servirá como uma das fontes consultadas neste artigo. O *Creativity Movement* fazia parte do *Group for the Research and Study of European Civilization* (GRECE), que integrava organizações da extrema-direita americana em um estudo sobre a civilização europeia e sua superioridade racial.<sup>12</sup> O GRECE era composto por autores com esse tipo de pensamento e se manifestou principalmente nos anos de 1970 a 1990. Nessa época, debates quanto ao revisionismo negacionista do holocausto estavam em curso, com o GRECE atuando como uma vertente de um projeto de reconstrução historiográfica da extrema-direita.

Segundo Klassen, a Raça Branca — *White Race* — teria o direito e dever de predominar sobre as outras. Essa obra é apresentada como um manual de sobrevivência e está baseada em deturpados princípios históricos, religiosos

<sup>11</sup> HOBSBAWM, Eric. Dentro e Fora da História. In: \_\_\_\_\_. Sobre História. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.

<sup>12</sup> STERN, Alexandra Minna. *Proud Boys and the White Ethnostate: how the alt-right is warping the american imagination*. Beacon Press, 2019. p. 29-30.

e biológicos. Ao observá-la, podemos perceber aspectos que, segundo Klassen, justificariam a superioridade branca. No livro, é afirmado que a natureza seria controlada por leis que a regeriam de maneira absoluta. O mundo é um local povoado por espécies e subespécies, tendo as espécies o direito e dever de predominar e, por isso, deveriam agir para se perpetuar.<sup>13</sup> Para o autor:

Acreditamos que a mais alta Lei da Natureza é o direito de qualquer espécie à sobrevivência, expansão e avanço de si mesma. Consideramos que, para a Raça Branca, o direito à sobrevivência, expansão e avanço de seu próprio povo não é apenas a mais alta lei da natureza, mas também o fundamento de nosso credo religioso.<sup>14</sup>

As ideias de Klassen se assemelham a algumas concepções existentes nos Estados Unidos que ganharam força entre o final do século XIX e início do século XX. Nisso, o período de 1901 até 1909, em que Theodore Roosevelt Jr. (1858-1919) foi presidente, se destacou. Para Roosevelt, a raça estaria no centro do que seria a ideia de nação, e a história mostraria isso por meio da interpretação de episódios da história americana. Afinal, como foi possível que aquilo que era originalmente 13 colônias inglesas se tornassem um país continental? Episódios como a conquista do Oeste e o extermínio de indígenas eram fruto de uma superioridade racial dos brancos, resultando em uma história com uma série de conflitos raciais.<sup>15</sup>

Além de uma série de teorias biológicas, a construção dessa concepção de mundo almeja apresentar uma visão “natural” da ordem social, ação que era feita no movimento romântico europeu do século XIX, algo difundido nas origens intelectuais do Terceiro Reich.<sup>16</sup> Ao longo dos anos, organizações de extrema-direita fazem uso desse tipo de iniciativa para elaborar interpretações que satisfaçam seus interesses.

<sup>13</sup> KLASSEN, Ben. *Nature's Eternal Religions*. Disponível em: <https://archive.org/details/BenKlassenNaturesEternalReligionbookPdf>. 1<sup>a</sup> ed. 1973.

<sup>14</sup> Do original: “We believe that the highest Law of Nature is the right of any species to survival, expansion and advancement of its own kind. We deem that for the White Race, the right to survival, expansion and advancement of its own people is not only the highest Law of Nature, but also the foundation of our religious creed.” (KLASSEN, Ben. *Nature's Eternal Religions*. 2008. p. 10). Tradução nossa.

<sup>15</sup> GERSTLE, Gary. *Theodore Roosevelt's Racialized Nation, 1890–1900*. In: \_\_\_\_\_. *American Crucible: race and nation in the twentieth century*. Princeton University Press, 2017.

<sup>16</sup> MOSSE, George L. *The Crisis of German Ideology: Intellectual Origins of the Third Reich*. Grosset & Dunlap: New York, 1964.

Todavia, a prática historiográfica é guiada por uma série de preceitos metodológicos que garantem uma estrutura lógica com metodologia científica para a atividade historiográfica. O que organizações como o *Creativity Movement* fazem é se aproveitar disso para criar uma visão historiográfica que atenda a seus interesses, sem respeitar os preceitos da metodologia historiográfica. É algo semelhante ao que os negacionistas do holocausto fizeram ao tornar o discurso histórico mais um combustível em seu arcabouço argumentativo. É um revisionismo baseado em uma visão supremacista branca<sup>17</sup> do mundo, sendo mais um caso de manipulação da história para fins políticos e ideológicos. Sobre iniciativas desse tipo, Eric Hobsbawm escreveu que:

Ora, a história é a matéria-prima para as ideologias nacionalistas ou étnicas ou fundamentalistas, tal como as papoulas são a matéria-prima para o vício em heroína. O passado é um elemento essencial, talvez o elemento essencial nessas ideologias. Se não há nenhum passado satisfatório, sempre é possível inventá-lo.<sup>18</sup>

Foi isso que Ben Klassen fez. Como a história americana não era escrita e ensinada de maneira satisfatória dentro daquilo que ele acreditava, ele tratou de defender uma versão alternativa dos fatos. Para isso, ele fez uso do *Racial Loyalty*, um pequeno jornal que tinha o objetivo de divulgar a COTC. Ele foi lançado em 1983 e teve sua última edição lançada em novembro de 1992, contando com 82 edições ao todo. Em suas páginas, além de divulgar aspectos da crença, o grupo se dedicava a emitir opiniões sobre fatos cotidianos, abordando questões políticas sociais e históricas.

Com isso, era possível comunicar-se com seus leitores e difundir as ideias ali defendidas. Para este artigo, faremos uso de duas edições em especial. A primeira delas é a edição de número 47, publicada em fevereiro de 1989, na qual encontramos em suas páginas o artigo “The Rothschilds, the Civil War and the Lincoln Assassination”, escrito por Ben Klassen. Ele se dedica a explicar como

<sup>17</sup> O supremacismo branco é um conjunto de crenças racistas que supõe que os membros da raça branca seriam superiores às de outras origens étnicas e, por isso, deveriam governar e controlar os não brancos. Para mais informações ver: SILVA, Diego Leonardo Santana. *Guerreiros da Raça: História Comparada dos skinheads neonazistas nos Estados Unidos e na Inglaterra (1983-1993)*. 2023. Tese Doutorado) - História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

<sup>18</sup> HOBSBAWM, Eric. Dentro e Fora da História. In: \_\_\_\_\_. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p.18.

a família Rothschilds influenciou eventos da Guerra de Secesão a partir de uma interpretação da guerra e do assassinato de Abraham Lincoln em 1865.

A segunda edição selecionada é a de número 63, publicada em setembro de 1990. Nessa edição está o artigo intitulado *The Manifest Destiny of the White Race*, também escrito por Ben Klassen. Nele, Klassen defende a superioridade racial branca utilizando a colonização do território que viria a se tornar os Estados Unidos atual como exemplo. Assim como os homens brancos do passado, cabia aos seus descendentes cumprir o seu real Destino Manifesto, que consistia em conquistar todo o planeta para a raça branca.

Devido ao modelo de formatação daquele jornal, os artigos foram reproduzidos em 12 laudas das edições com colagens ao longo das páginas. Assim, partiremos do princípio de que a superioridade da raça branca era entendida por Klassen como um aspecto imutável da natureza. Acreditamos que, devido à defesa de que tal característica teria origem biológica, coube a Klassen utilizar de subterfúgios historiográficos para justificar a razão pela qual tal Destino Manifesto — no caso, o Destino Manifesto da Raça Branca seria dominar o mundo — não teria sido cumprido. Segundo esse autor, isso ocorreu devido às ações dos inimigos da raça branca, cabendo organizar um movimento em sua defesa e que o direcionasse para o seu Destino Manifesto.

Por conta disso, a história dos Estados Unidos ganhou uma interpretação a serviço dessa causa.

### **Uma história racista dos Estados Unidos**

O que conhecemos hoje como os Estados Unidos da América era povoados por povos indígenas quando ocorreu a chegada dos europeus. Os nativos eram formados por várias tribos, como os iroqueses, os comanches e os apaches, que, por não possuírem cultura semelhante à dos europeus, eram vistos como selvagens. Por conta disso, suas terras poderiam ser ocupadas por aqueles que se achavam eleitos para uma nova terra prometida.<sup>19</sup> Esse imenso território passou por transformações, tornando-se o país mais

---

<sup>19</sup> KARNAL, Leandro. A formação da nação. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius (Orgs.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

rico e poderoso do planeta séculos depois, com uma população de maioria branca.<sup>20</sup>

Os primeiros colonizadores trouxeram consigo interesses comerciais e, junto a isso, negros africanos que foram escravizados, além, é claro, do combate dos povos nativos da região. Há interpretações sobre por que os europeus, mesmo em minoria, conseguiram conquistar as Américas.<sup>21</sup> Isso pode ter ocorrido devido à superioridade militar, à exploração das rivalidades entre os indígenas para incitar conflitos, às epidemias causadas por doenças trazidas pelos europeus etc. Porém, para Klassen, a resposta para essa questão é clara. A conquista do território se deu devido à natural superioridade da Raça Branca em relação aos “povos vermelhos”, assim chamados pejorativamente. Segundo ele:

O europeu branco cruzou o oceano, invadiu o continente americano polvilhado por uma raça vermelha inferior e dirigiu para o oeste; ele conquistou o homem vermelho, assumiu o controle de suas terras, matou a maioria de seus oponentes e, quando sem dúvida os subjugou, conduziu-os a uma área encolhida de terras consideradas inúteis, chamadas reservas. Não importa como você olhe para isso, foi uma conquista aberta e desenfreada, um jogo livre das forças da Natureza, era o Homem Branco em seu melhor.<sup>22</sup>

Com isso, esse fato em específico trazia consigo um bom exemplo sobre o potencial da Raça Branca, em que o homem branco estava em seu melhor. Ao olhar para o passado, seria possível perceber o que eles, no presente, seriam capazes de fazer com as outras raças. Isso se devia a uma condição natural, na medida em que Klassen compreendia o mundo como algo organi-

<sup>20</sup> “Novos dados do Censo dos EUA mostram que população branca encolheu pela primeira vez”. G1, por Reuters. 12 de ago de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/12/novos-dados-do-censo-dos-eua-mostram-que-populacao-branca-encolheu-pela-primeira-vez.ghtml>. Acesso em 23 de dez de 2021.

<sup>21</sup> Para mais informações sobre esse processo no caso norte-americano, ler: GRANDT, Susan-Mary. *História Concisa dos Estados Unidos da América*. Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto. São Paulo: EDIPRO, 2014.

<sup>22</sup> Do original: “The White European crossed the ocean, invaded American continent poepled by an inferior red race, and drove westward; he conquered the red man, he took over his land, he killed off mos of his opponents, and when he had unquestionably subdued them, he herdede them into a shruken area of the deemed useless land callded reservations. No matter how you look at it, it was open, free-wheeling conquest, a free play of the foources of Nature, it was the White Manen at his beast” (KLASSEN, Ben. *The Manifest Destiny of the White Race. Racial Loyalty*. Estados Unidos, setembre de 1990, p. 9.) Tradução nossa.

zado em espécies e subespécies com condições físicas, mentais, emocionais e psicológicas diferentes. Em meio a todas elas, a Raça Branca seria a mais forte, o que explicaria sua superioridade, suas conquistas e embasaria seu direito natural em relação às outras.<sup>23</sup>

A conquista da América faria parte de um processo histórico no qual a Raça Branca estabeleceu uma série de grandes civilizações que iam desde gregos e romanos até chegar à formação dos Estados Unidos. Isso justificaria a importância dessas civilizações e as colocaria como superiores às demais existentes no mundo antigo. Foi graças a elas que o Homem Branco teria se estabelecido na Europa. Segundo Klassen:

Esses homens brancos europeus, então, com a civilização em seu sangue e em seu destino, cruzaram o Atlântico e estabeleceram uma nova civilização em uma costa sombria e rochosa. Foram os Homens Brancos que dirigiram para o norte, para o Alasca, e para o oeste, para a Califórnia; os homens que abriram os trópicos e subjugaram os Árticos; os homens que dominavam os vales africanos; os homens que povoaram a Austrália e tomaram as portas do mundo em Suez, Gibraltar e Panamá.<sup>24</sup>

Desse modo, a civilização estadunidense estaria em meio a esse processo histórico. Na edição 63, publicada em 1990, é afirmado que a chegada dos colonizadores à América está inserida na história da Raça Branca, à qual os integrantes do *Creativity Movement* pertenciam. Segundo Klassen, a maioria branca na América não sabia de sua real missão: realizar o seu Destino Manifesto. A Conquista do Oeste se torna o exemplo do que fazer com o resto do mundo.<sup>25</sup> Os homens brancos que vieram nos séculos passados seriam os pioneiros dessa conquista e serviriam como inspiração. Segundo Klassen:

Na Conquista do Oeste, sem dúvida, foi demonstrado um dos maiores e mais amplos feitos da raça humana. Na heroica Conquista do Oeste

<sup>23</sup> KLASSEN, Ben. *Nature's Eternal Religions*. 2008. p. 15.

<sup>24</sup> Do original: "These European White Men, then, with civilization in their blood and in their destiny, crossed the Atlantic and set up a new civilization on a bleak and rock boubnd coast. It was the White Men who drove north to Alaska and west to California; the men who opened up the tropics and subdued the Arctics; the men who mastered the African Veldts; the men who peopled Australia and seized the gates of the world at Suez, Gibraltar and Panama." (KLASSEN, Ben. *Nature's Eternal Religions*. 2008. p. 15.). Tradução nossa.

<sup>25</sup> KLASSEN, Ben. *The Manifest Destiny of the White Race. Racial Loyalty*. Estados Unidos, setembro de 1990, p. 3.

foi escrito um dos capítulos mais gloriosos e mais abrangentes da história da Raça Branca, ou de qualquer raça, quanto a isso.<sup>26</sup>

O homem branco chegou à América e a conquistou, por que não fazer isso com o resto do mundo? Ora, isso não seria possível devido à ação dos inimigos da raça que agiram e continuam atuando para desestruturar a Raça Branca, que, enfraquecida, sucumbiria aos inferiores. O homem branco trouxe africanos e os escravizou, algo aceitável, completamente normal na concepção de uma pessoa como Ben Klassen. Porém, a atribuição de uma igualdade entre brancos e negros nos EUA acabou enfraquecendo a Raça Branca.

É preciso lembrar que, no caso dos Estados Unidos, a diferença entre negros e brancos não são apenas características genéticas, são distinções culturais e históricas. O traço da escravidão trouxe consigo a desumanização do diferente, nesse caso, o negro. Conforme explica Susan-Mary Grant: “a escravidão e a liberdade mostraram ser conceitos escorregadios para a nova nação”,<sup>27</sup> a ponto de os estadunidenses guerrearem entre si por conta disso. Por essa razão, a Guerra de Secesão representa um evento fundamental na história americana. Além, é claro, de influenciar na estrutura política do país.

Nas páginas do *Racial Loyalty*, uma nova história desse conflito é contada. A Guerra de Secesão Americana, também conhecida como Guerra Civil dos Estados Unidos, foi um conflito bélico travado entre os anos de 1861 e 1865. Até hoje esse evento é fruto de vários estudos e interpretações sobre suas causas. Já as consequências podem ser vistas até hoje como, por exemplo, no fato da bandeira de batalha dos Estados Confederados da América vir a se tornar um dos mais icônicos símbolos racistas nos Estados Unidos.

Recentemente, símbolos como estátuas em homenagens aos confederados começaram a ser removidas nos Estados Unidos em ações de reinterpretação histórica. Esse processo causou controvérsia em 2017, quando o então

<sup>26</sup> Do original: “In the Winning of the West undoubtedly was demonstrated one of the widest and broadest accomplishments of the human race. In the heroic Winning of the West was written one of the most glorious and farreaching chapters in the history of the White Race, or of any race, for that matter.” (KLASSEN, Ben. *Racial Loyalty*, 1990. p. 3). Tradução nossa.

<sup>27</sup> GRANDT, Susan-Mary. *História Concisa dos Estados Unidos da América*. Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto. São Paulo: EDIPRO, 2014. p.136.

presidente Donald Trump classificou o ato como uma estupidez.<sup>28</sup> Em 2021, quatro anos após incidentes violentos entre grupos supremacistas e manifestantes antifascistas, a cidade de Charlottesville, na Virgínia, retirou as estátuas dos generais confederados Robert E. Lee e Thomas Jackson.<sup>29</sup>

Conforme explica Vitor Izecksohn, existem múltiplas interpretações para as causas da Guerra de Secessão, o que faz dela um fenômeno que não pode ser compreendido por um único fator. Essas compreensões levam em consideração os interesses econômicos opostos e a irresponsável e egoísta ação dos políticos da época, o que gerou uma crise institucional e questões referentes à escravidão.<sup>30</sup> De acordo com historiadores como Viktor Izekson (2021) e Susan-Mary Grant (2009), a interpretação mais comum sobre as causas da Guerra de Secessão é a de que nela, o norte e o sul desse país entraram em conflito devido a seus opostos interesses econômicos, políticos e sociais, que iam desde discordâncias quanto ao modelo econômico (norte industrializado e sul agrícola) até questões envolvendo a escravidão com os estados do sul sendo contrários à abolição dela. Tal disputa se acirrou quando os sulistas fundaram os Estados Confederados da América, declarando secessão em relação à União, algo que não foi aceito pelo restante do país e que desencadeou uma sangrenta Guerra Civil.

O norte venceu o conflito, com esse evento se tornando um dos principais acontecimentos tanto da história quanto do imaginário estadunidense. Como consequência, o modelo federativo foi decisivamente implementado e, em 1865, o presidente Abraham Lincoln sancionou a 13<sup>a</sup> emenda abolindo a escravatura nos Estados Unidos.<sup>31</sup> Naquele mesmo ano, Lincoln foi assassinado. Segundo Susan-Mary Grandt, Lincoln é uma figura central da Guerra de

<sup>28</sup> LLANO, Pablo de. Trump diz que retirada de símbolos confederados é “estupidez”. *El País*. Internacional. 17 de ago de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/17/internacional/1502980445\\_259315.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/17/internacional/1502980445_259315.html). Acesso em 05/01/2022.

<sup>29</sup> BEAUREGARD, Luis Pablo. Estátua de Robert Lee é retirada em Charlottesville quatro anos depois da revolta dos supremacistas. *El País*. Internacional. 10 de jul de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-11/estatua-de-robert-lee-e-retirada-em-charlottesville-quatro-anos-depois-da-revolta-dos-supremacistas.html>. Acesso em 05/01/2022.

<sup>30</sup> IZECKSOHN, Vitor. *Estados Unidos: uma história*. São Paulo: Contexto, 2021. p.93

<sup>31</sup> GRANDT, Susan-Mary. *História Concisa dos Estados Unidos da América*. Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto. São Paulo: EDIPRO, 2014. p. 234.

Secessão, pois, compreender quem ele foi e o governo que liderou é fundamental para entender a guerra.<sup>32</sup>

Na versão defendida por Ben Klassen, a figura do presidente Abraham Lincoln e a própria guerra são reinterpretadas. Observamos isso na 47<sup>a</sup> edição do *Racial Loyalty*, lançada em 1989, que tem como ponto de partida comentar o assassinato de Lincoln. Segundo esse grupo, o presidente havia impresso 450 milhões de dólares e distribuído esse valor para bancos judeus, tendo sido assassinado a mando destes depois da Guerra de Secessão para criar um mito nacional em prol da divisão racial.<sup>33</sup> Isso teria criado a ideia de que os confederados seriam radicais e teriam assassinado um mito nacional. Logo, a partir disso, qualquer manifestação em defesa da Raça Branca seria sufocada, transformando os Estados Unidos em algo que seus conquistadores não desejavam.

A Guerra de Secessão não seria uma disputa entre a federação (norte) e os confederados (sul). Na verdade, o embate seria entre os sionistas e a Raça Branca. Os judeus são os principais inimigos da Raça Branca para a COTC, pois teriam agido durante séculos para prejudicá-los. Os sionistas teriam feito uso de seu poder econômico e propagandístico para fomentar a guerra e, com isso, enfraquecer a Raça Branca com diversas mortes e com a libertação dos escravos.<sup>34</sup> Desse modo, a história norte-americana passa a ter outro sentido. Nesse contexto, o olhar para o século XIX acaba sendo importante, pois é uma época que antecede o século americano (século XX) e que são lançadas as bases do que o país seria dali em diante do ponto de vista político, territorial e cultural.

Com isso, Klassen explicaria no que os Estados Unidos se transformaram, inserindo sua série de teorias conspiracionistas em uma exposição argumentativa secular. Para isso, ele vai de encontro a dois dos mais importantes eventos da história de seu país. O olhar sob tais acontecimentos se justifica devido à sua importância subsequente. Segundo Eric Hobsbawm:

<sup>32</sup> Ibidem, p. 475.

<sup>33</sup> KLASSEN, Ben. The Rothschilds, the Civil War and the Lincoln Assassination. *Racial Loyalty*. Estados Unidos, fevereiro de 1989, p. 1

<sup>34</sup> Ibidem, p. 2-3.

Seja qual for a forma que escolhermos para analisar a transformação dos Estados Unidos, se o final de um sonho revolucionário ou o início de uma era, o fato é que isso aconteceu no período de 1848-1875. A mitologia em si mesma testemunha a importância dessa época, com os dois temas mais profundos e duradouros da história americana localizados na cultura popular: a Guerra Civil e o oeste.<sup>35</sup>

A ênfase em tais eventos permite levar o olhar para episódios fundamentais da formação dos Estados Unidos e do ideal do que seria a América, mesmo que tais acontecimentos remetam ao século XIX. Nesse caso, mesmo sendo eventos ocorridos há mais de um século, eles permanecem contemporâneos, representando catástrofes no sentido atribuído por Henry Rousso, ou seja, um dos últimos grandes acontecimentos que guiam o contemporâneo.<sup>36</sup> Com isso, o revisionismo proposto por Klassen insere a história dos Estados Unidos em meio à história da Raça Branca fazendo com que seus leitores passem a enxergar os Estados Unidos de outra maneira. Nisso, o governo norte-americano, suas instituições e suas leis passam a ser encaradas como um projeto de dominação dos inimigos da Raça Branca, cabendo ao *Creativity Movement* trazer a verdade.

Nessa visão de mundo, os oprimidos tornam-se opressores, e a História, conforme é ensinada nas escolas, passa a ser um instrumento de legitimação da visão dos inimigos da raça. Isso faz com que um projeto de reconstrução historiográfica seja necessário para grupos como o *Creativity Movement* elaborar seu arcabouço ideológico.

## **Conclusão**

Ao reinterpretar dois aspectos fundamentais da história norte-americana, Klassen busca ressignificar o entendimento sobre a formação da nação indo à raiz interpretativa de acontecimentos chave. Ele queria divulgar sua crença, expandindo sua mensagem, apresentando-se como um líder supremo que guiaria a Raça Branca ao seu real propósito. O Destino Manifesto da Raça Branca era se expandir por todo o mundo e colocá-lo sob seu controle. No caso, ele se

---

<sup>35</sup> HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital, 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. 24<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016. p. 218.

<sup>36</sup> ROUSSO, Henry. *A Última Catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Tradução de Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

apropria dessa concepção de Destino Manifesto, atribuindo-o o sentido de ser algo voltado para a Raça Branca e não para os Estados Unidos em si.

Aquela nação, construída pela conquista do homem branco devido à sua engenhosidade, criatividade e superioridade natural, havia perdido seu rumo como um local na qual a Raça Branca iria prosperar. Por isso, era necessário contar a verdadeira história dos Estados Unidos, aquela que ninguém deseja que seja conhecida, pois seus vilões, inimigos mortais da Raça Branca, controlam a narrativa. Percebe-se, então, que Ben Klassen faz o uso da história, ressignificando acontecimentos, para embasar um projeto político ideológico de superioridade racial branca.

O revisionismo histórico adotado pelo *Creativity Movement* é um exemplo de iniciativas desse tipo com caráter negacionista. Sua exposição visa apresentar uma história alternativa, pouco conhecida, que, na verdade, seria legítima e sufocada pela ação opressora de seus inimigos. Em meio a um arcabouço ideológico que grupos desse tipo possuem, uma interpretação histórica dessa natureza se encaixa, pois ela passa a ser utilizada para legitimar ações e gerar desconfiança ao que é ensinado nas escolas e universidades. Para um seguidor do *Creativity Movement*, não é apresentada uma visão de mundo plural, e sim focada em basear e justificar os ideais racistas desse grupo.

Sendo assim, o caso aqui apresentado é um exemplo de um projeto de reconstrução historiográfica realizado por organizações de extrema-direita, seja neofascista, neonazistas, supremacistas brancas, entre outras, no tempo presente. O olhar para esse tipo de fenômeno ajuda a construir um perfil analítico de tais grupos, encaixando a percepção de tal visão historiográfica dentro das atividades dessas organizações, levando a uma reflexão para os usos da história por grupos desse tipo no tempo presente.

## **Fontes**

KLASSEN, Ben. *Nature's Eternal Religions*. 2008

KLASSEN, Ben. *The Manifest Destiny of the White Race. Racial Loyalty*. Estados Unidos, edição 63, setembro de 1990, p. 1-12.

KLASSEN, Ben. *The Rothschilds, the Civil War and the Lincoln Assassination. Racial Loyalty*. Edição 47, Estados Unidos, fevereiro de 1989, p. 1-12.

## Referências

- FONTANA, Josep. *A História dos Homens*. Tradução de Heloisa Jochims Reichel e Marcelo Fernando da Costa. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- GRANDT, Susan-Mary. *História Concisa dos Estados Unidos da América*. Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital, 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- HOBSBAWM, Eric. Dentro e Fora da História. In: \_\_\_\_\_. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia da Letras, 2013. p.13-24.
- IZECKSOHN, Vitor. *Estados Unidos: uma história*. São Paulo: Contexto, 2021
- KARNAL, Leandro. A formação da nação. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius (Orgs.). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.
- Kershaw, Ian. *De Volta do Inferno: Europa 1914-1949*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MELO, Demiam Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. *Marx e o Marxismo* v.1, n.1, jul/dez 2013. p. 49-74.
- MOSSE, George L. *The Crisis of German Ideology: Intellectual Origins of the Third Reich*. Grosset & Dunlap: New York, 1964.
- MOUNTJOY, Shane. *Manifest Destiny: westward Expansion. Milestones in American History*. Infobase Publishing. New York, 2009
- PROST, Antoine. *Doze Lições Sobre a História*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- ROUSSO, Henry. *A Última Catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Tradução de Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.
- SILVA, Diego Leonardo Santana. *Guerreiros da Raça: História Comparada dos skinheads neonazistas nos Estados Unidos e na Inglaterra (1983-1993)*. 2023. Tese Doutorado) - História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- Silva, Francisco Carlos Teixeira da; Schurster, Karl. *Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente*. Cepe editora. Edição do Kindle, 2022.
- STERN, Alexandra Minna. *Proud Boys and the White Ethnostate: how the alt-right is warping the american imagination*. Beacon Press, 2019.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política.* Tradução de Tiago Avó. - 2<sup>a</sup> ed. Unipop, 2012.

### Sitiografia

"Novos dados do Censo dos EUA mostram que população branca encolheu pela primeira vez". G1, por Reuters. 12 de ago de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/12/novos-dados-do-censo-dos-eua-mostram-que-populacao-branca-encolheu-pela-primeira-vez.ghtml>. Acesso em 23 de dez de 2021.

BEAUREGARD, Luis Pablo. Estátua de Robert Lee é retirada em Charlottesville quatro anos depois da revolta dos supremacistas. *El País. Internacional.* 10 de jul de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-11/estatua-de-robert-lee-e-retirada-em-charlottesville-quatro-anos-depois-da-revolta-dos-supremacistas.html>. Acesso em 05/01/2022.

LLANO, Pablo de. Trump diz que retirada de símbolos confederados é "estupidez". *El País. Internacional.* 17 de ago de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/17/internacional/1502980445\\_259315.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/17/internacional/1502980445_259315.html). Acesso em 05/01/2022.